

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

Administrador: MANUEL PERES

ANO V — N.º 69

Rio de Janeiro — Outubro de 1950

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.538



OS SÍMBOLOS E A REVOLUÇÃO SOCIAL

Por GERMINAL

A revolução social é a queda de instituições que perderam sua razão de ser e o seu domínio, em seu lugar, de formas de vida social repletas de novos valores. É a sublevação explosivo-revolucionária proveniente da ânsia comum dos que viveram muito tempo na penúria, contra uma camada da sociedade, protegida pelo Estado, que procura por todos os meios conservar seus privilégios. Essa camada afirma que seu domínio, que pela força e engodo procura manter, possui valor incontestável. É a luta entre a classe "superior", conservadora, e os revolucionários, progressistas. Isto quer dizer que o proletariado, excluído do usufruto da "ordem existente", quer derrubar um estado de coisas que só reconhece a exploração, o roubo, a guerra, a violência, a opressão etc. e não a união de seus elos para a produção e consumo em comum.

A democracia moderna tenta substituir a igualdade positiva pela igualdade simbólica das urnas. Tal substituição nada mais é que uma tentativa para impedir a explosão revolucionária.

A técnica de todos os governos para conduzir os diversos sentimentos dos seus súditos a um único denominador consiste no manejo hábil de símbolos. Assim, por exemplo, a urna simboliza o povo. A bandeira e o hino são símbolos que representam ora a pátria,

ora a nação. A existência dos símbolos é condição essencial à sobrevivência do Estado. A força do símbolo reside no mito que se oculta atrás dele. É um sinal que, quando surge, automaticamente sugere aos homens levandos a se sacrificarem.

De um lado, os governos usam mais ou menos intuitivamente o conhecimento das leis psicológicas. De outro lado, dispõem, juntamente com os símbolos visíveis e auditivos, de meios técnicos tremendos. Não se deixando influenciar por nenhum escrúpulo moral, exercem desse modo, sobre os povos, uma ação que podemos chamar de coação psicológica.

Os maiores símbolos de que se utilizam os governos servem para despertar os sentimentos de obediência e de inferioridade. A quintessência dos sentimentos submissos, sem os quais nenhum Estado seria imaginável, é representada pelo símbolo, é o mecanismo do nacionalismo e da exploração. Com sua ajuda conseguem alguns poucos desviar a atenção da maioria, da revolução social, conservando-a apática.

O símbolo é tabu, por isso é protegido contra qualquer crítica objetiva, em caso contrário perderia sua força mágica. Enquanto os povos deserdados não se tornarem capazes de se libertarem desses símbolos, nunca transformarão a sociedade atual.

O Diário de Notícias, de 5 de setembro passado, abre as baterias contra Getúlio Vargas enumerando-lhe as traições, os gastos, os desmandos, um rosário de acusações bem formuladas e justas.

Houve, porém, na catilinária, um ponto branco. O articulista parou, hesitou, não teve ânimo de acolmar o ditador. Era algo excelente, superbom, extrapontinha. Só por isso, o réu teria valiosos dirimentes, uma quase absolvição de seus feiíssimos pecados. O réprobo parira as leis trabalhistas. Como vergastar, em praça pública, o genitor de tal produto?

Vai o articulista e escreve: "Atribuem, Getúlio e os seus comparsas, ao ditador as novas leis trabalhistas, quando foram estudadas e elaboradas pelo ministro Lindolfo Collor que as levava a Getúlio já prontas para assinar, bem como pela Assembléia Constituinte e pelo Congresso Nacional até 1937. Getúlio não pagou sequer, a contribuição do governo para os Institutos, que fariam as suas principais finalidades".

Ora, sente-se bem como o articulista procura dar a Lindolfo Collor o mérito de haver gerado e desventurado as famosas leis. Tais leis foram, assim, para o redator verberante, o único louvável feito por Getúlio, senão o seu ministro Lindolfo Collor.

Entretanto, o articulista derranca Getúlio por ter sido totalitário, por haver iniciado a era fascista no Brasil, criado um período fatal de irresponsabilidade, com desrespeito absoluto à liberdade individual, à propriedade, à imprensa.

Isso revela, no indignado redator,

Getúlio e as Leis Trabalhistas

Por JOSÉ OITICICA

profunda incompreensão de alguma coisa básica em qualquer democracia.

Em primeiro lugar, uma observação: As leis trabalhistas não foram estudadas nem formuladas por Lindolfo Collor. Quem escreve estas linhas o conheceu bastante. Era um bom rapaz, mau literato, sem qualquer capacidade de altas reformas sociais. A verdade é que (já foi dito isto em AÇÃO DIRETA) as leis trabalhistas foram trazidas da Itália muscolínica pelo major Carlos Reis, enviado expresso do chefe de polícia Aurelino Leal. Veio tudo prontinho de lá e se Epitácio Bernardes ou Washington Luiz não as aplicaram, é que lhes faltou propício ambiente. Getúlio, criando o Ministério do Trabalho, começou os preparativos para o golpe de 37. O importante, acima de tudo, para implantar a ditadura, seria subjugar os sindicatos. Aurelino Leal o tentara em vão. Bernardes, com as leis de exceção, deportou quanto pôde os militantes mais eficientes nos sindicatos. Tiveram, todavia, um poderoso aliado: o partido comunista. Foi este que deu ganho de causa a Lindolfo Collor, impossibilitado, pela vigorosa resistência dos sindicatos, de os escravizar ao seu ministério. Os comunistas, traidores contumazes, aceitaram a carteira sindical, passando, assim, recibo de servidão imposta.

Explicado isso, ponderemos a tre-

menda contradição do articulista antigetuliano. Como salientar o préstimo dessas leis trabalhistas, quando esse redator condena o totalitarismo despótico de Getúlio? Não sabe esse cavalheiro que quatro são os característicos mais formais do totalitarismo: partido único, indústria dirigida, imprensa censurada e sindicalismo oficial? E não sabe que o sindicalismo oficial impõe medidas toledoras de qualquer liberdade? Tudo ali é pautado, fiscalizado, censurado, bitolado pela onipotente do Ministério e da Polícia. Nem o dinheiro das quotas sindicais pertence aos sindicatos. Acima de quantia determinada e recolhido ao ministério. Nenhuma assembleia pode ser, como sempre fora, livremente convocada. A ela assistem sempre o representante do ministério e o representante da polícia, atentos em não permitirem qualquer debate sobre assuntos alheios ao previamente comunicado às autoridades. As eleições não são livres. Os candidatos devem obter aprovação do ministério e este pode vetar uma eleição caso haja, por engano, sido eleito algum indesejável.

Em suma, todos estão fartos de saber quão despóticas são essas leis fascistas de Getúlio. Getúlio matou os sindicatos livres com a colaboração torpe dos comunistas.

Isso, porém, um senhor redator do Diário de Notícias, jornal que se preza de democrático, redondamente ignora. Não ignorava a escravização da imprensa, mas desconhece a escravização dos sindicatos e arvora as leis trabalhistas como ato cometimento digno de louvor.

Boa casta de jornalistas democráticos!

O SOCIALISMO DE ESTADO E OS DIREITOS DO HOMEM

Por MANUEL PERES

Ao escrever esta crônica, com um título algo sugestivo, o faço para demonstrar que, no terreno político, o chamado "Socialismo de Estado" é uma mentira irônica já que defende e assegura todos os privilégios do sistema capitalista, entre eles a iníqua exploração do homem pelo homem.

Claro está, que nós, os anarquistas, não podemos aceitar nem o Socialismo, nem o Comunismo de Estado, porque o Estado, negação absoluta da liberdade, está em pugna com os princípios fundamentais destas doutrinas.

Como bem afirmava Bakúin na Primeira Internacional e em suas lutas contra Carlos Marx, se existe o Estado, não pode existir o verdadeiro socialismo e, se existe socialismo, não pode existir o Estado, porque o socialismo luta pela socialização de todas as riquezas e pela instauração, no mundo, de uma Sociedade de Produtores Livres; este socialismo é o que defendemos e pelo qual lutamos, os anarquistas.

Direitos do homem e direito de asilo. A França, mesmo dentro das normas estabelecidas pelo regime capitalista, era considerada o baluarte mais sólido na defesa dos Direitos do Homem, como igualmente na parte referente ao direito de asilo para os refugiados políticos.

Havia nisso um respeito, de certo modo lógico, à sua tradição revolucionária, pois foi em Paris que, há 161 anos, no memorável 14 de julho de 1789, o povo em armas assaltava a Bastilha, dando um golpe de morte no regime feudal que o transformava em autêntico escravo, sem a menor parcela de direitos e de liberdade.

E, quando as cabeças de Luís XVI e de Maria Antonieta rolaram da guilhotina na Praça da Greve, em Paris, o sangue dos Capetos promulgava os chamados — "Direitos do Homem e do Cidadão" — surgindo, como símbolo da grandiosa revolução de 1793, o lema tão querido naquela época: *Liberté, Egalité, Fraternité*.

Esse lema perdurou através do tempo e eu me recorde de que, em 1926, passando em Paris com Armando Borghi, Alexandre Schapiro e Nestor Macknó, este último, ao passarmos pela porta de "La Santé" (Prisão Central de Paris), exclamava com ironia:

— Vejam vocês, até neste antro de tortura e escravidão, como insulto aos direitos do homem, os tiranos fizeram gravar as palavras mágicas — *Liberté, Egalité, Fraternité*...

Feitas essas considerações de caráter sociológico, vou entrar no motivo que inspirou a presente crônica, justamente a defesa dos direitos do ho-

mem contra os quais atentam neste momento, os socialistas franceses.

O Direito de Asilo foi sempre respeitado na França, e esse direito teve sempre o apoio da "Liga dos Direitos do Homem" cuja sede principal está instalada em Paris, liga que defendia, com seus melhores advogados, todos os refugiados políticos que procuravam asilo em suas fronteiras.

Eu me recorde bem de que, mesmo quando governavam Poincaré, Laval e outros políticos reacionários, estes, respeitando a tradição, jamais fecharam as portas da França aos exilados políticos; o mesmo aconteceu em 1924, quando Herriot, radical socialista, amparava abertamente os refugiados es-

panhóis que fugiam aos horrores da Ditadura de Primo de Rivera.

Mais realistas que o próprio Rei. Esse adágio antigo aplica-se muito bem aos socialistas franceses que, em defesa do Estado e suas prerrogativas, nada ficam a dever aos políticos mais reacionários, quando ocupam, como agora, os cargos de maior responsabilidade no governo.

Ninguém pode esquecer que foi um socialista, Leon Blum, o maior inimigo do povo espanhol na sua luta contra Franco, a tal ponto que chegou a propor a criação do famoso "Comitê de não Intervenção".

Agora, depois da grande guerra e dos grandes sofrimentos a que foi submetido o povo francês, esquecendo que os refugiados espanhóis os ajudaram nas lutas de resistência e da libertação e que muitos perderam a vida em guerra heroica contra os alemães, iniciam cruel repressão contra esses refugiados.

Notícias chegadas ultimamente dizem que a polícia francesa, em gran-

des batidas em Paris, Toulouse e outras cidades da França efetuaram a detenção de grande número de *Quintas Colunas* estrangeiros, entre eles 160 espanhóis, todos acusados de professarem ideias comunistas.

Eu não acredito que esses refugiados sejam, na totalidade ou na sua maioria, comunistas, principalmente quando a própria polícia francesa afirma que, dos 160 espanhóis, apenas 30 aceitaram a expulsão para dentro dos países da chamada Cortina de Ferro, pois a maioria preferiu a internação nos campos de concentração da França.

Mesmo que todos eles fossem comunistas, eu, que amo profundamente a liberdade, não aprovaria essa perseguição, porque, como exilados políticos, devem merecer o respeito que estabelecem as normas do chamado *Direito Internacional* de que tanto falam os próprios socialistas.

Nunca aceitei, não aceito, nem aceitarei jamais o Comunismo russo como norma de convivência social, porque o comunismo, tal como é praticado por Stalin e seus satélites, é a negação da liberdade, uma tirania tão cruel como a exercida na Itália e na Alemanha por Hitler e Mussolini. Por isso sou insuspeito ao condenar as violências que hoje praticam contra eles e refugiados de outras tendências os socialistas franceses.

Tudo isso justifica o que disse ao iniciar esta crônica: o *Socialismo de Estado* é uma mentira irônica já que os maiores atentados à liberdade são cometidos em França justamente quando é presidente da república um socialista da velha guarda — *Vincent Auriol* — e o seu governo é constituído, na maioria, por elementos do mesmo partido.

O mais grotesco de tudo é que falem de uma *Quinta Coluna* comunista que estaria integrada por uns 400 ou 500 estrangeiros, quando, na França, existem vários milhões de comunistas filiados a um partido que tem, na câmara, cerca de 200 deputados, e, com esses deputados, os socialistas colaboram e votam juntos desde que isso pode ser útil aos interesses do seu partido.

— Quanta mentira e quantas lições eloquentes para os ingênuos que ainda confiam nas soluções políticas, seja qual for a tendência dos respectivos partidos...

Um grito de alerta. A repressão contra os refugiados políticos foi iniciada em França e, como pretexto, há o estribilho em vigor em todo o mundo — *Combate ao comunismo* — estribilho este que é excelente instrumento de propaganda a favor do tirano Stálin.

Conhecendo a maldade e hipocrisia dos governantes que, falando em Democracia, são os maiores inimigos da liberdade humana, é de temer que eles cheguem ao extremo de entregarem os refugiados espanhóis à fúria sanguinária do *caudillo* Franco e seus satélites.

Demos desde aqui o nosso grito de alerta...

O ESTADO

Numa discussão, temos, às vezes, a impressão de nos encontrarmos em presença de problemas insolúveis. Ora, em geral, problemas insolúveis são problemas mal propostos, pseudo-problemas. O único meio que permite progredir é obrar pela análise.

Kropotkin, no "O Estado e seu papel histórico", em particular, nos fornece um exemplo de utilização do método analítico, tendo como objeto a noção de Estado. "Entendamos em primeiro lugar — diz ele — o que queremos compreender sob o termo Estado. Há a escola alemã que se compraz em confundir Estado e Sociedade. Esta confusão se encontra nos melhores pensadores alemães e em muitos franceses, que não podem conceber a sociedade sem a concentração estatista, e por isto acusam habitualmente os anarquistas de quererem destruir a Sociedade.

"Entretanto, raciocinar assim é ignorar inteiramente os progressos realizados nos domínios da História nos últimos tempos; é esquecer que para a maioria dos países europeus o Estado é de origem recente e data apenas do século XVI...

"O Estado não é senão uma das formas tomadas pela sociedade no decurso da História.

"Parece-me, entretanto, que, entre Estado e Governo nós temos duas noções de ordem diferente... A idéia de Estado compreende, não somente a existência de um poder colocado acima da Sociedade, mas também uma concentração territorial e uma concentração de muitas funções da vida da Sociedade nas mãos de alguns."

É necessário agregar uma distinção igualmente muito importante: é entre Estado e classe economicamente forte. É desconhecer, com efeito, o conteúdo da classe do Estado, pretender que o poder do Estado é sinônimo de poder econômico.

A classe economicamente forte, quando rege a vida pública, o faz por intermédio de uma outra classe, de uma essência particular, por exemplo a Burocracia. É precisamente essa confusão fundamental a origem do absurdo do Estado-Proletário. Em realidade, é inevitável que um poder adquirido por uma classe qualquer, a proletária por exemplo, não lhe possa fugir. Onde o erro do conceito estatizado da ditadura do Proletariado.

Importa, também, numa discussão a propósito do Estado, recordar que existem certos marxistas, socialistas, que, por Estado Socialista, entendem precisamente o que os anarquistas entendem por Organização Social, isto é, organização formada pela cooperação dos sindicatos, das cooperativas, das federações de produtores e consumidores, ligados por um contrato e um controle recíproco.

Concluindo, diremos que, só por um exame profundo dos termos da discussão, por uma análise minuciosa dos conceitos, poderemos superar todas as contradições aparecidas no decurso de uma confrontação de idéias.

EFEMÉRIDES DE OUTUBRO

1909. — **Fusilamento de Ferrer Guardia** — O trio fatídico formado por Alfonso XIII, Mauro, e Juan la Cierva, representantes genuínos do jesuitismo espanhol, ordenava no dia 13 de Outubro de 1909 o fusilamento do grande mártir do livre pensamento Francisco Ferrer Guardia, fundador da Escola moderna.

Num processo imaginário, urdido na sombra, Ferrer foi acusado como instigador dos acontecimentos de Julho do mesmo ano, quando o povo de Barcelona, num gesto magnífico de revolta, impedia o embarque de tropas para a massacre de Marrocos. Um Conselho de Guerra o condenou a morte, pelo único crime de defender o ensino racionalista e destruído o obscurantismo reacionário do clericalismo que então imperava na Espanha.

É ao tombar sob o pelotão de execução, nos muros do famoso Castelo de Montjuich, em Barcelona, Ferrer Guardia, olhando frente a frente os assassinos, exclamou com energia:

"Viva a Escola Moderna!" — Já em 1906, quiseram complicar Ferrer no atentado contra Alfonso XIII, alegando que Mateo Morral anarquista como o fundador da Escola Moderna, era seu discípulo predileto e o seu gesto contra o monarca fora inspirado pelo mestre.

Não houve provas para o processo naquela época, e o inimigo aguardou pacientemente o momento oportuno para a sua vingança, e esta chegou com a chamada "Semana Trágica de Barcelona".

Ferrer morreu, porém, a sua obra, encarnada no grito do mestre ao receber a descarga fatal, é imortal porque simboliza um amor profundo a cultura e a liberdade humana.

★
Portugal. 1910 — No dia 5 de Outubro de 1910, o povo de Lisboa apoiado por forças do exército, após uma luta encarniçada derrocava o regime monárquico para instaurar a República, e esta república que tinha a sua frente figuras como Teófilo Braga, Magalhães Lima, Guerra Junqueiro, Manuel de Azevedo, Brito Camacho e Bernardino Machado, dado o seu caráter profundamente revolucionário era considerada a mais avançada do mundo.

O povo, sempre ingenuo e confiado, não quis completar a sua obra fazendo a verdadeira transformação social e os chefes da revolução, envolvidos pelo meio ambiente perderam-se nas malhas da política e das intrigas do capitalismo.

E hoje, o Portugal de 1910, perdido nas sombras do passado, sofre a mais vergonhosa das tiranias sob o regime ditatorial de Carmona e Salazar.

Os Institutos e a Torpe Propaganda Social

por LEONÍDIO

Quero referir-me aos Institutos que carregam a legenda do "amparo social". Inicialmente depara-se-nos uma certa estupidez: é a obrigatoriedade da contribuição. O motorista, por exemplo, para poder trabalhar vê-se na contingência de pagar uma série de coisas. De início entrega Cr\$ 100,00 do imposto sindical de cuja aplicação nada sabe. Talvez seja para que, no sindicato, possa ficar de boca fechada. Dá, mensalmente, ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (I.A.P.E.T.C.) Cr\$ 112,00. Notável sistema social em que o cidadão precisa pagar a fim de adquirir o direito de trabalhar. Todo e qualquer trabalhador é compelido a descontar para esses vampiros sociais. Oh! sociedade idiota! E a lei reguladora tudo e esta por sua vez é nada menos que a coação na sua forma mais patente, é o suborno, a desonestidade, a mentira convencional, a irresponsabilidade retratada nos seus tons mais subreptícios, é o criminoso tacape pairando sobre todas as consciências. Rádios, alto-falantes e a imprensa proclamam incessantemente as benfeitorias patrocinadas por essas organizações; mas, a realidade é bem outra. Busquemos alguns esclarecimentos. Estive adoentado e, como certo dia amanheci com muita febre, recorri ao hospital que me devia prestar a necessária assistência. Após passar horas em pé fornecendo dados para abrir ficha e contra-ficha, um funcionário entregou-me um cartão onde indicava meu comparecimento daí a 30 dias. A princípio até achei graça na coisa. Procurei ponderar que necessitava de imediata consulta; tudo em vão. Vendo o caso perdido, dirigi-me irônicamente ao funcionário dizendo-lhe que ao fim de tão quilométrico prazo, por certo já estaria curado se conseguisse outros meios ou, do contrário, sete palmos de terra guardar-me-iam imune dos "amparos sociais". Note-se: este não é caso único; é um dentre centenas.

A própria classe médica que tem suas atividades neste setor é servilmente explorada. A não ser aqueles que atingem determinadas chefias, o

restante não passa de simples proletários sujeitos a caprichos e regulamentações. Daí o descontentamento de muitos a ponto de perderem o interesse e dedicação requeridos pelas suas funções.

Vejam agora um outro setor: o que diz respeito aos imóveis. Aqui, então, somos vítimas de verdadeiro banditismo. Saqueiam-nos, torturam-nos por todos os meios. Conheço a história de três associados que tiveram a desdita de cair no conto de vigário da casa própria. Um deles, após mais de dois anos de aborrecimentos, conseguiu uma casa avaliada em 57 mil cruzeiros, com a condição de pagar ao Instituto cerca de 130 mil cruzeiros, com o crucial juro de 8%. Uma organização que põe em negociações toda a arrecadação dos sócios e a estes fornece como recompensa cobrar em dobro o que a muito custo lhes concede. Assim não só compramos com vergonhosa majoração o que nos devia pertencer, como também nos fazem as mais revoltantes exigências. Um outro associado candidatou-se à aquisição de um apartamento e antes mesmo de qualquer andamento na construção, viu-se obrigado a contribuir com o seguro social. Passaram-se meses e os descontos foram-se sucedendo até que a companhia encarregada da construção recusou o contrato, naturalmente por qualquer inconveniência. O coitado, na esperança de que alguém venha a realizar tal construção, vai ficando sem toda aquela quantia descontada. Finalmente o terceiro caso é realmente triste. O rapaz tem mãe viúva e luta com dificuldade para manter a casa. Anda às voltas com o Instituto há nem sei quanto tempo. O flagelado funcionário até em Portugal mandou buscar certidão de um terreno. Sua pequena economia desperdiçou-a na aquisição de documentos. Agora vive como um tonto implorando favores e até mesmo dinheiro aos colegas. Belo exemplo de assistência social!

Com o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, acaba de vir ao conhecimento do público mais um fato curioso: esse órgão possui, em Realengo, um conjunto de casas residen-

ciais. Cada pretendente assinou um contrato daqueles que mexem até com RH do sangue da gente. As casas deviam ser vendidas aos interessados; porém, esse contrato era apenas de locação por dois anos. Fim do prazo, todos os moradores estavam convictos de que iam receber o contrato de venda. Qual não foi o desapontamento geral quando, por muito favor, obtiveram uma prorrogação por metade do tempo, ou seja 12 meses. No intuito mesmo de ludibriar as pacatas famílias, anunciaram que a dilatação do prazo se fazia necessária, pois queriam ter a confirmação de quais os que queriam entabular o contrato definitivo. A esperança é a última a morrer, mas acaba morrendo. Por assim dizer, o estágio experimental evaporou-se. E que é feito do contrato de venda? Oh! amigos! evaporou-se também. São esses os fiéis retratos das assistências e dos amparos sociais. Se fossem só esses os absurdos, ainda muito bem; mas a coisa segue sua marcha escabrosa; há a rapinagem, o roubo declarado. Há poucos dias, verificou-se um desfalque no Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Servidores do Estado, calculado em quase cinco milhões de cruzeiros. E a velha repetição dos desvios escandalosos. Vê-se claramente o grau de irresponsabilidade reinante nessas instituições. Para que ter responsabilidade com o alheio? Aquela onda de dinheiro que movimentam, nem sabem como chega ali; não suam para adquiri-lo; portanto deixam esperdiçá-lo a mais não querer. Enquanto isto, as quantias extorquidas a milhares de contribuintes implica na redução do leite para seus filhos, até mesmo na carência de alimentação e vestuário para eles próprios. E chamam a isto democracia! Aliás tem razão. Afinal o que é democracia senão uma das aberrantes aparências de que se reveste o Estado, órgão coercitivo e semeador do cativeiro? Amigos, o mal está bem diante de vós e as armas para combatê-lo estão em vós; sois vós mesmos, é bastante um despertar de consciência. Sacudi o fardo que vos oprime. Renegai o caduco conceito da cega obediência. Lançai-vos às atividades livres que assim serão sufocados os abutres opressores. Só as organizações livres constroem para deleite de todos.

N. R. — Sobre os Institutos.

Ação Direta, afim de evidenciar aos trabalhadores a obra nefasta dos Institutos, do Ministério do Trabalho e da célebre Legislação Trabalhista, pede aos trabalhadores lezados nos seus direitos que enviem a esta redação o relato das extorsões de que são vítimas.

COMO AUXILIAR "AÇÃO DIRETA"?

Muitos são os leitores que nos têm perguntado, através de cartas, como trabalhar em benefício de AÇÃO DIRETA e dos ideais ácratas. As formas de auxílio são múltiplas e as resumiremos aqui:

- 1 — Enviar mensalmente uma contribuição monetária.
- 2 — Adquirir, nas bancas de jornais, dois ou mais exemplares de AÇÃO DIRETA e oferecê-los a amigos interessados em problemas sociais.
- 3 — Escrever artigos que estejam dentro de nossa orientação e que não

A LEGISLAÇÃO E A "JUSTIÇA DO TRABALHO"

Por J. L. VERAS

III

Sendo o trabalho, em regime capitalista, uma mercadoria que o empregado vende ao empregador e estando sujeito à Lei de procura e oferta, extensa a todas as mercadorias, sofre, como todas as outras, suas altas e baixas. Razão por que se faz mistério que haja, para os capitalistas, grande quantidade de mercadorias — trabalho em "stock", ou seja, grande quantidade de trabalhadores no desemprego, afim de que, pelo medo, os que estão empregados se sujeitem a todas as humilhações a que os capitalistas os queiram submeter.

Existindo grande quantidade de trabalhadores (mercadoria-trabalho) em "stock", os que estão empregados sofrerão: decréscimo no congelamento nos salários; extagnação geral ou parcial em suas lutas e finalmente paralização em suas reivindicações. Mas, para que não falte esse "stock" de mercadoria-trabalho, faz-se mistério que o capitalista gaste qualquer dinheiro, como gastaria com qualquer outra mercadoria em "stock". Para conservar, portanto, seu "stock" de mercadoria-trabalho, o capitalista estipulou a indenização e o aviso prévio com três objetivos.

1.º) — Dar ao trabalhador a impressão de que o Estado zela pelos seus interesses;

2.º) — Obrigar os empregadores menos esclarecidos nos deveres de exploradores a contribuírem para manter o "stock" de mercadoria;

3.º) — Extinguir o capitalista menos sólido, que não suportaria os encargos provenientes das indenizações e avisos prévios, obrigando-os, pelas falências, a se tornarem proletários, vindo, com isto, aumentar as fileiras dos assalariados e, concomitantemente, reforçar o privilégio dos capitalistas.

O trabalhador, uma vez dispensado, sem causa justificada, tem direito ao aviso prévio e uma indenização proporcional ao tempo de trabalho. O capitalista considera como justa causa o que eles já estipulou em sua legislação. Vejamos quais são:

- a) — ato de improbidade;
- b) — incontinência de conduta ou mau procedimento;
- c) — negociação habitual que constitua concorrência ao empregador ou for prejudicial ao serviço;
- d) — desídia no desempenho das funções;
- e) — embriaguez habitual ou em serviço;
- f) — ato de indisciplina ou insubordinação;
- g) — calúnia, injúria, difamação ou agressão, praticada em qualquer lugar, contra o empregador;
- h) — calúnia, injúria, difamação ou agressão praticada no serviço contra qualquer pessoa;
- i) — prática constante de jogo de azar;

Vê-se, pelo exposto, que a indenização só será paga ao trabalhador que tenha todas as virtudes de uma lacaio da burguesia. Se o empregado tiver todas as virtudes que a legislação enumera, o burguês não tem interesse em despedi-lo e sim em conservar um dócil lacaio. Como se vê, o que está garantido não é o trabalhador e sim o burguês, que, com sua Lei, estimula as virtudes cristãs-burguesas, garante sua reserva "stock" de mercadoria-trabalho e assegura por esse processo a continuação do regime capitalista.

Em caso do empregado ser dispensado "injustamente", ou seja, por uma causa que não esteja enumerada nos dispositivos acima, se o empregado não for do agrado do amo, então, neste caso, tem direito a uma indenização, como subsídio, embora miserável, para que o trabalhador se mantenha como trabalho-reserva até se entregar a outro burguês. Se assim não fosse, extingui-se-ia a reserva por depauperamento físico.

A indenização e o aviso prévio dado ao assalariado, causa apreçada como uma virtude cristã, não passa de um meio de defesa da exploração capitalista. Embora em alguns casos não atinja o fim desejado porque, geralmente, esse subsídio não dá para sua manutenção e quando o trabalhador encontra outro emprego, o mesmo é recusado pelo médico do empregador, por ter contraído tuberculose, pelo seu estado de inanição orgânica.

A seguir:
Estabilidade depois de dez anos de serviço.

- 4 — Discutir com amigos os problemas tratados por AÇÃO DIRETA, procurando dessa forma divulgar o Anarquismo.
- 5 — Mandar sua opinião crítica sobre AÇÃO DIRETA, que teremos a satisfação de publicar.

- 6 — Entrar em contato direto com o movimento ácrata, escrevendo para a Caixa Postal 4588 — Distrito Federal.

Cremos, dessa forma, ter respondido às perguntas que nos foram dirigidas; porém, se alguma dúvida pairar no amigo leitor, aqui estaremos sempre à disposição.

A REDAÇÃO

MICRO-TESTEMUNHO

Por MOACIR JOSÉ DOS REIS.

A religião é a maior desgraça da Humanidade, isto é, do trabalhador, os donos que não possui coisa nenhuma. Porque os possuidores de tudo, os donos do mundo, os "religiosos" enfim, estes não são dignos desta palavra: — HUMANIDADE.

Digo assim considerando que quase todas as seitas religiosas foram extraídas da Bíblia, livro que, ao meu ver, foi realizado e escrito pelo *capitalista*, para incutir no trabalhador a ideia de ser uma dádiva de Deus a sua condição de escravo faminto e ignorante.

Porque, na Bíblia é que o trabalhador aprende a dar graças a Deus por estar de barriga vazia, e a tirar a sua camisa e dá-la ao capitalista, fazendo assim a vontade do Cristo, conforme manda a Bíblia.

Como temos, por exemplo, em Matheus, Cap. 5 do V. 40 a 41, o seguinte: "Ao que te quer demandar a túnica, larga-lhe também a capa; e quem te obriga a andar mil passos, vai com ele dois mil". E ainda em Matheus, no mesmo capítulo, V. 43 e 44, temos mais está: "Tendes ouvido o que foi dito: amarás o teu próximo e aborrecerás ao teu inimigo; eu, porém, vos digo: amai aos vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem."

Esta é bôa! Por isso é que eu costume aconselhar: Para se ler na privada, entre o Gibi e a Bíblia, é preferível o primeiro.

PONTO 20 — A ORDEM NO ESTILO

1 — Não se deve confundir *ordem* com *plano*. Todo plano, evidentemente, é *ordenação*, porém *ordenação* de uma obra, científica ou literária. *Ordem*, no estilo, é outra coisa, é *disposição*, dentro do plano, do material acumulado. Há planos fixos: um soneto, por exemplo; entretanto, dentro do soneto, temos de ordenar os pensamentos, a exposição, as rimas, as imagens, preparativos todos para o fecho, a chamada *chave de ouro*. Num soneto, os *transbordos* soam a desordem, quer os de verso, quer os de quarteto a quarteto ou terceto a terceto. Não dar ao fecho conclusão lógica é desordem, ou rimar falsamente, ou rimar uma palavra consigo mesma, etc.

Um dos característicos mais flagrantes do modernismo é a *afetação da desordem*.

2 — Consiste a *ordem* no dispor os conceitos e as declarações, em cada gênero literário e em cada plano, segundo preceitos lógicos ou estéticos.

Na literatura dita *utilitária*, os preceitos ordenativos são quase exclusivamente *lógicos*. Num compêndio de matemática, geometria, por exemplo, toda a exposição há de obedecer a teoremas bem concatenados e demonstrações rigorosas, concisas e claras. Falhar a semelhante ordem seria imperdoável erro. O grande matemático francês Bouasse acima os matemáticos, em geral, por deficiência de rigor nas definições, falta de concisão e de exposição precisa. Suas obras são modelos de estilo seriamente ordenado.

3 — Na literatura *estética*, a ordem pode não ser puramente lógica. Dá-se até preferência à mera ordem *estética*. Todavia, convém acentuar que, ainda na ordem *estética*, o substrato há de ser essencialmente lógico, porque o pensamento transmitido, para ser captado, exige conformação, digamos assim, dos aparelhos sintonizadores: *estímulo e leitor*.

4 — Tipo de certa desordem lógica, mas de pura ordenação *estética* é o estilo do poeta alemão moderno Rainer Maria Rilke. Sejam exemplos os *Sonetes an Ophéus*. No primeiro da primeira parte (*Da stieg ein Baum...*) os quatro versos estão metrificados, obedecendo, mais ou menos, ao ritmo de pentapódias jámbicas. O soneto é todo rimado, mas a disposição das rimas

CURSO DE LITERATURA

Prof. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

varia dos tipos clássicos. Os dois quartetos não rimam entre si. Os dois tercetos rimam; porém, não se conformam aos três modelos admitidos (*ede, ede — ced, eed — ede, ede*); *dispoem* com a forma *ede, ede*. Esta disposição distancia muito e de e; mas, é evidente que o poeta quis dar ao segundo terceto uma ordem rítmica inversa da do primeiro. Nos quartetos também Rilke variou a disposição. Ao passo que o primeiro quarteto se ordena como *abab*, o segundo segue, com outras rimas, a fórmula *abba*.

Não se pode afirmar *desordem*, senão tentativa de nova ordem, com mais variedade.

Ser isso proposto se vê no segundo soneto *Und fast ein Mädchen...* em que os tercetos rimam precisamente na ordem inversa do primeiro. Já no quarto (*O ihr Zärtlichen...*) a disposição das rimas é em tudo clássica (*abab, abab — ede, ede*); estão alteradas graves e agudas quer nos quartetos, quer nos tercetos; mas, a métrica é desordenada quer no número de sílabas, quer no ritmo. Há sonetos, como o de Leier da primeira parte (*Nur wer die Leier...*) em que vão a pares versos de sete alternados com versos de quatro sílabas. Já no décimo sexto da segunda parte (*Immer wieder...*) a falta de ordem clássica é maior; são versos de nove sílabas, mas ocorrem dois de sete e um de cinco. Maior desordem métrica no vigésimo da segunda parte (*Zwischen den Sternen...*) com versos longuíssimos (15 sílabas) e curtos, de sete e seis.

5 — Menor ordem lógica, nesse poeta, se revela nas seqüências do pensamento. A ordem nelas é meramente *estética* e essa grande desconexão lógica obscurece o sentido de tal modo, que se faz mistério profundo conhecimento do autor para penetrar-lhe as concepções. A coleção bilingue das edições Montaigne publica a interpretação de J. F. Angeloz. A arte poética de Rilke tem sido motivo de estudos sérios, esclarecedores. Porém, de tudo ressaltava, bem clara, a ordenação de imagens e

conceitos apenas por séries intuitivas. Entre elas, muitas cousas por dizer, relações extremamente vagas ou nenhuma perceptível. Aprendida, entretanto, a *ordenação* fundamental, sentimos a *grandeza* do quadro e seus entrelaces de alta estesia.

6 — Para ilustrar a exposição vou traduzir, o mais literalmente possível, o curto soneto nono da primeira parte.

Sómente quem ergueu a Lira até sob Sombras pode o infinito Louvor, sentindo-o, proclamar.

Sómente os que com os mortos a pa-poula

comeu, papoula deles, não perderá de novo o mais sutil som.

Podê até o reflexo no poço amíde acultar-se de nós: sabe a imagem.

Enfim no duplo reino serão as vozes eternas e meigas.

Eis uma interpretação concisa: Sómente quem, como Orfeu, baixou ao inferno, ao reino das Sombras, pode celebrar a grandeza das criações humanas. Sómente os que esquecem o mundo dos mortos, a consciência dos graus ultrapassados, pode perceber, livre de preconceitos, as sutilezas da consciência mais alta. Pode até o homem, novo Orfeu, deixar de ver esse reflexo do passado; ele guarda em si sua imagem. Vibrando, pois, no passado e no presente, o duplo reino, suas vozes serão eternas e meigas.

7 — O futurismo de Marinetti tinha por preceito fundamental a *desordem*, desordem na sintaxe, no estilo, nas imagens, nos planos, em tudo. Vimos em que deu. Todavia, houve uma corrente, a do *super-realismo*, onde a desordem seria apenas uma espécie de *contraordem*, tudo às avessas sem série, simples seqüência de visões desordenadas, analogias aparentes. Isto, bem se vê, é lisa teoria. A prática nos

revelou, apenas, espantosa nebulosidade, enjoativa à segunda página Mallarmé proclamara uma ordem única: *melodia* verbal. Era um critério seu insuperável aos demais homens; tornou-se, então, ilegível. O mesmo sucedeu a todas as *desordens*. Isso não exclui a poesia profunda, hermética por vezes, mas onde a razão descobre, estudando-a, penetrando-a, ricos veios de concepções soberbas. Tal Rainer Maria Rilke.

8 — Eis um soneto em que, na mais perfeita ordem lógica, se enquadram pensamentos aparentemente herméticos, mas de fácil explicação.

O BRASEIRO

Aceitei minha ardente investidura E aprendi, aprendiz, o ígneo sinal. Todo guerreiro quer sua aventura E segue o alto pendão do Maioral.

Quanto mais minha intrepidez se

Maís visualizo o galardão final. Minha espada é de tempera segura E minha arte de esgrima, sem rival.

Com cruz alçada e mãos de combatente, Persisto no meu lance aventureiro, Brandindo a espada, ensanguentando

Fogo de vida é o que meu sangue sente, Como se os sóis do mundo, num bra-

Ardessem todos no meu coração.

9 — Na literatura utilitária a ordem é indispensável. Há de haver ordem gramatical, seqüência lógica de fatos, argumentos, induções. Quanto mais bem ordenada uma exposição, mais claramente perceptível e, portanto, mais agradável ou satisfaz.

Por isso, o material disponível há de ser, dentro do plano, encarreado numa seqüência bem cuidada. Para tanto, requer-se maturidade de espírito, acabado conhecimento do assunto e senso de perspectiva, isto é, a previsão do efeito conseqüente a essa ordenação calculada. Os crimes de Verres, na seriação de Cícero, vão sempre aumentando o horror e repugnância no ouvinte. Uma concatenação do horrível para o sofrível seria contraproducente.

10 — Isso facilmente compreende-se. Há, todavia, nessa ordenação, um ponto crucial. São as *transições*. Passar de um assunto a outro nem sempre é azado. Vimos, ao tratar do capítulo do parágrafo, do período o que significam. Assinalamos a vantagem de numerar os parágrafos para evitar, precisamente, as transições enfadonhas.

A regra geral é esta: evitar os *anúncios* de transição. Os escritores inábeis ou sem gosto procedem continuamente a tais avisos: "Segundo vimos no capítulo anterior" ou "Tratamos disso... vamos agora ver como se faz aquilo" ou: "Deixemos por enquanto esta questão e examinemos primeiro..." ou: "Antes de prosseguirmos, cumpre verificar se..." ou: "Estudado esse ponto, entremos mais a fundo no problema..."

11 — Depende da habilidade do escritor evitar as transições prevenidas e levar o assunto de maneira que a transição se faça o mais naturalmente possível. Neste ponto, o mestre consumado, incomparável, é Machado de Assis, em suas crônicas de *A Semana*. Sua mestria é tal que nos dá a impressão de haverem os fatos acontecido especialmente para se encaixarem naquela crônica.

Vá um exemplo. Machado fala da queda do ministério grego, passa ao nihilismo russo e depois tem de tratar do câmbio. Como passar do nihilismo russo para o câmbio brasileiro? Um abismo. Ouçamo-lo: "Um homem está jantando tranqüilo, entre uma senhora e uma pilhéria; deita a pilhéria à senhora e, quando vai a erguer um brinde... estala uma bomba de dinamite. Adeus! homem tranqüilo; adeus! pilhéria; adeus! senhora. E' violento; mas o bimetalismo é pior! Do bimetalismo ao nosso amigo purripapelismo não é curta a distância; mas, daqui ao câmbio é um passo; pode parecer até que não falei do primeiro senão para dar volta ao mundo. Engano manifesto. Hoje só trato de telegramas que aí estão de sobra, norte e sul. Aqui vêm alguns de Pernambuco..."

A transição se faz súbita, sem aviso prévio, com tal naturalidade e graça que assombra.

Estudê-se com minúcia esse prodigioso modelo.

Segue-se: Ponto 21.

CONTRA A CORRENTE

Por SOUGAR

DEMOGOGIA SINDICAL

Os líderes sindicais fiéis ao governo publicaram um manifesto combatendo os demagogos que tudo prometem e nada fazem a favor dos trabalhadores. Atacam a Getúlio dizendo que este só fez demagogia, e recordam que o ex-ditador destruiu as organizações livres e criou o regime de "intervenção ministerial" nos sindicatos. Até aí nada temos a objetar, porém finalizando conchitam os trabalhadores a votarem nos candidatos do P. S. D., partido de Dutra.

E nós perguntamos:

Durante estes quatro anos o P. S. D. não seguiu a política de intervenção nos sindicatos?

Que outra coisa fez o P. S. D. se não demagogia.

E o manifesto que firmam tais "líderes" com suas conclusões, que é se não um manifesto demagógico.

Se os trabalhadores fossem realmente conscientes não só não votariam em nenhum candidato, como também expulsariam os chamados "líderes" dos sindicatos, recuperando as organizações para poderem lutar por sua emancipação.

CINISMO REVOLTANTE

A propaganda mais cínica, mais desumana, verdadeiramente é a que fez o P. S. D. através de O Jornal e Diário da Noite.

Aparece em um dos referidos jornais um cartaz com a seguinte legenda: "Com o teu voto Este problema será resolvido", por baixo, — uma gravura: duas crianças esqueléticas seminuas, demonstrando a indigência da infância no Brasil; em outro, a mesma frase, — e vários casebres servem de fundo, são as favelas. Não negamos a veracidade das gravuras, que são quadros reais deste infeliz país; o que nos repugna é que o governo alimente a existência destes males sociais e logo peça para seu candidato um VOTO a fim de resolver tão crucial problema.

1937 — 1950

Getúlio, em 1937 por ocasião de sua escaramuça, disse isto: Voto não enche barriga. E agora em 1950 durante o período eleitoral mendigou um votozinho dos barrigas vazias. Sim, porque agora voto deve encher barriga do contrário o pai dos pobres não pediria com tanta insistência o que repudiou em 1937.

E pensando bem o voto enche mesmo barriga; pelo menos a dos que são eleitos...

UM RENDEZ-VOUS ORIGINAL

Em Maria da Fé, município de Minas Gerais, o padre João de Carvalho vinha mantendo relações amorosas com Teresinha Pannain, uma devota daquela matriz. A moça deixou-se entregar, pois já obtivera, por parte do padre, promessa de casamento. A jovem católica, ante a demora de uma solução e vendo em jogo sua honra, alvorçou-se a tal ponto que veio a tona toda a sujeira. Seu irmão, o dentista Luiz Omar Pannain, indignado com o acontecido, resolveu tomar satisfações com o vigário. O resultado do encontro foi o assassinato do padre pelo dentista, na sacristia da igreja. Entre as zeladoras houve grande consternação. Uma delas chegou até a botar luto fechado pelo falecimento do padre. Desconfia-se que a coisa não era apenas com Teresinha. Tanta comeração moral apenas por causa de descabidas regras sociais. O caso em si, foi o ato sexual de um homem com uma mulher; no entanto, a igreja vê nisso uma profanação, uma coisa do outro mundo. E é realmente um perigo, como o menor sintoma de controvérsia o é para as organizações carecidas de bases sólidas.

NÃO PODEMOS

Não podemos dizer que nossa vida está garantida, se de poucos em poucos anos, somos arrancados de nossas famílias e forçados a matar ou ser mortos.

Não podemos dizer que somos governados por indivíduos conscientes se, de 10 em 10 anos, interrompemos a produção dos artigos de consumo e utilizamos nossos recursos no fabrico de instrumentos mortíferos.

Não podemos dizer que temos liberdade de imprensa e de palavra se, nos impingem a censura.

Não podemos dizer que nosso futuro está garantido se dívidas públicas fabulosas e inflações destroem as economias adquiridas com o suor do nosso rosto.

Os defensores da guerra objetariam que todas essas restrições à liberdade individual são medidas de emergência ocasionadas pela guerra e por isso não devemos considerá-las como medidas normais.

Evidentemente, são medidas de emergência! Mas, como o Estado é a causa única da repetição das guerras e como, sempre, as condições de paz já contém o germe de uma nova guerra, passamos 80% da nossa vida sob condições de emergência. Dêsse modo, os períodos de emergência são os "normais e não os anormais".

TOTALITARISMO E ANTITOTALITARISMO

Por NEIVA SOBRINHO

Os teóricos dos problemas gerais de Sociologia e Política, quando não confundem in totum, fazem interpretar-se os conceitos de Totalitarismo e Antitotalitarismo. E esses conceitos truncados, à força da repetição, da insistência com que são lembrados nos discursos políticos, na imprensa diária, nos compêndios oficiais, nas tribunas e no púlpito firmam-se rápido na consciência popular, que tão fácil transmite o que sua memória consegue captar, quão difícil se dá à análise e interpretação do que ouve e do que lê.

Deve-se a essa propaganda das falsas definições a opinião hoje universal de que representam praticamente o totalitarismo as formas: fascismo, nazismo e bolchevismo. ao mesmo tempo que se dão como formas práticas do que a isso se opõe: os governos democráticos.

Examinando, porém, as idéias geradoras dêsse dualismo político, torna-se flagrante o absurdo. Assim vejamos. — Totalitarismo é a onipotência político-econômica do Estado, que, por sua vez, reclama a formação de uma casta burocrática e militar. O Estado que não possui onipotência político-econômica desaparece fatalmente. Todos os Estados existentes têm-se servido obrigatoriamente, com maior ou menor intensidade, dessa onipotência político-econômica. Nenhum poderá fugir a esse desiderato dos que dele se servem direta ou indiretamente.

Dêsse modo não há Estado antitotalitário; se o houvesse, este seria um Estado anti-estatal. Absurdo! Duas vezes absurdo!

Portanto, fortalecer um Estado, prestigiá-lo, aumentar-lhe as atribuições — ainda quando aparentemente seja contra determinado tipo de Estado ou de totalitarismo — significa abrir caminho sobre as ruínas do outro, impotente e cheio de injustiças, para uma moderna forma de totalitarismo, para um novo absolutismo.

Conclui-se facilmente agora que o antitotalitarismo é a liberdade efetiva, e esta não é cômoda; é um estado de tensão constante, uma conquista contínua; enquanto o seu oposto é obediência cega, ofuscação da consciência e da responsabilidade, aceitação de dogmas e aviltamento completo. A liberdade é iniciativa e responsabilidade, aceitação dos perigos, discussão e tolerância.

Contra a sufocação totalitária, só o clima essencialmente ativo da liberdade.

Mas, não se confunda também essa liberdade com a liberdade formal que se desfruta em todos os chamados países democráticos; esta está em vivo contraste com as injustiças sociais hábilmente protegidas por um pesado e poirento arcabouço jurídico.

As democracias, em geral, se tornam hábito; reduzem-se a seu mecanismo majoritário, adormecem na imutabilidade constitucional, e a coletividade deixa toda iniciativa nas mãos de seus dirigentes interessados precisamente em manter seus privilégios econômicos e políticos. E' esse o mecanismo. O menor totalitarismo gera o mais intenso, e este gera aquele e assim sucessivamente... Está patente, em todos os Estados existentes e imaginários, o constante perigo totalitário. Contra esse, só a luta pela Justiça econômica, pela liberdade individual e pela autonomia dos núcleos profissionais.

E essa atitude não se impõe, transmite-se naturalmente aos homens de consciência com o sentido de responsabilidade individual e do espírito de iniciativa pessoal que nos leva a pensar com a própria cabeça e agir sinceramente em benefício de todos. Posição retílica do militante anarquista.

NOSSO CORREIO

COMPANHEIROS

Procurei hoje entrar em contacto com o "Centro de Cultura Social". Saí, à noite; ao chegar ao centro da cidade desci a rua José Bonifácio, satisfeito, contente, pois iria ter a oportunidade de travar relações com pessoas que, como eu, aspiram a um mundo melhor. De frente a uma porta de ferro ondulada, levantei os olhos buscando o número. O 386 lá estava; porém, a porta estava cerrada. Eram 19 horas. Esperando chegar alguém, fui descendo até a Praça da Bandeira. Lá encontrei um grupo daqueles que procuram resolver no céu os problemas da terra: protestantes. Pregaram, oraram, tocaram e cantaram hinos. Dentre eles, uma jovem, de uns 18 anos, dirigia-se aos transeuntes oferecendo um papelzinho impresso e dizendo alguma coisa... Eles passavam sem dar quase nenhuma importância; alguns faziam com a cabeça um gesto negativo. Aproximei-me. Com voz tímida e vacilante, aquela jovem dirigiu-se a mim: — O Sr. não quer ajudar, com alguma coisa, a construir uma igreja evangélica?

— Não posso, respondi, sou operário, estou liso e mal ganho para comer. Um empregado da C. M. T. C. fitou-me como se quizesse dizer: "desta moléstia também eu sofro".

O pensamento, íntimo do indivíduo é talvez a única coisa que não poderá ser devassada pelo poder da igreja e do Estado.

Pensei: "Eu vivo trabalhando desde minha infância: fui pescador, garimpeiro, soldado, cabo de polícia, e já há quinze anos que sou operário. Vendo a minha força de trabalho em troca do pão de cada dia, dêsse pão que, segundo Monteiro Lobato, disse ao homem: "ou tu me comes ou morres de fome"; e nunca, na minha vida vegetativa, tive um momento de felicidade, não me casei ainda devido às

minhas condições econômicas, não tive o prazer de, como mandam as leis naturais, "propagar a espécie", não pude fazer um barraco para morar... e vou agora ajudar a construir casas para ficarem vazias enquanto a multidão de miseráveis continua dormindo pelas sargetas, calçadas e portas de igreja? Não!... Nunca!

Vou até a esquina. Um alto falante fazia propaganda eleitoral: "O Partido Democrata Cristão é o único que está à altura de lutar pelos vossos interesses, povo de São Paulo; votai em Miguel Petrilli. "Miserável mercenário", pensei, quanto estarás tu ganhando para mentires? Quando será que o povo há de despertar para, com punho de ferro, quebrar essa engrenagem maldita que o ilude e sufoca.

Eram já vinte horas. Subi e passei de frente do 386. A porta continuava cerrada. Resolvi ir dormir. Deixo a rua Líbero Badaró. Elementos de ambos os sexos, pertencentes à alta roda, paradas de todos os tipos, vêm pela calçada "contra a mão". Encosto-me ao muro, ao prédio e não cedo a passagem nem a Cristo.

— Cultura burguesa! Não conheço nem a sua mão direita!

Ao descer do ônibus, no bairro onde moro, dirijo-me a um bar: — Sidônio, vende-me uns pães para tomar café amanhã...

— Não posso porque...

— Basta, faça vinagre com eles.

O pão não é para ser comido do modo por que o frequêis quer; é para fazer dele o que o dono do bar quer que se faça... Sim! O que o comércio visa é o lucro, não o consumo.

Imaginem que aconteceria se um dia a burguesia, por um processo químico, conseguisse extrair ouro do trigo!

E quando se fala em crise, dizem logo os getulistas: "ê! vem aí, ê! faz... ê! disse... ê! falou..."

ANTÔNIO F. GONÇALVES

EU CREIO NA HUMANIDADE

O companheiro Pedro Ferreira da Silva acaba de publicar um livro cujo conteúdo humanista, caracteriza a personalidade do autor.

Em "Eu Creio na Humanidade" o leitor encontrará em capítulos sucessivos, de leitura amena e salutar, a fé no futuro da humanidade que, apesar das barreiras construídas por seus inimigos, marcha para um porvir de paz e de amor.

Recomendamos este interessante livro cuja leitura se faz necessária como um tônico espiritual para todos os que vivemos num mundo cheio de misérias.

Eu Creio na Humanidade: ... Há uma grande reserva de pureza na humanidade. Milhões de criaturas vivem uma vida obscura, como se não re-

Influências Anarquistas na Literatura Inglêsa

Per GEORGE WOODCOCK

Um dos fenômenos mais interessantes e até certo modo alentador da literatura inglesa destes últimos quinze anos, tem sido a tendência, cada vez mais acentuada, para as idéias anarquistas entre os escritores, pintores e músicos da Inglaterra.

Escritores como Herbert Read, Alexis Comfort e Ethel Mannin; pintores como Augustus John e Jankel Adler; músicos como Michael Tippett representam somente as figuras marcantes deste movimento. Em recente antologia representativa de jovens poetas ingleses, pude contar entre setenta nomes, dez que conheço pessoalmente e que mantêm atitudes abertamente anarquistas ou que substancialmente não diferem do ponto de vista anarquico.

Porque tantos intelectuais ingleses se voltaram para o anarquismo nestes anos?... Parece-me que há um bom número de razões para explicar. A primeira é que as idéias libertárias formam um traço fortemente perceptível na tradição literária britânica. Essas idéias aparecem nos postulados das seitas dissidentes durante a guerra civil do século 17.º, nos escritos de Winstanley, nos escritos dos Niveladores, os quais mostraram grande desconfiança da autoridade centralizada, desejando construir seus projetos sociais sobre a personalidade individual.

O desdém da autoridade cresceu continuamente durante o século 18, especialmente nas obras de Swift, no princípio da era, e nas de Blake, no final.

Uma influência mais imediata que a de Blake foi o aparecimento, em 1793 do grande tratado sobre Anarquismo: a "Justiça Política" de Godwin. Godwin teve enorme influência em seu tempo. Shelley e Robert Owen contaram-se entre seus discípulos; e enquanto o primeiro introduziu o Anarquismo na literatura inglesa com o "Prometeu Libertado" e a "Revolta do Islam", o segundo deu ao nascente movimento socialista inglês uma tonalidade libertária que não esmaeceu inteiramente até os presentes anos.

Durante o século 19, escritores como John Stuart Mill, o jovem Swinburne, Williams Morris e Oscar Wilde representaram interessante modalidade do ideal libertário. Entre 1886 e 1914, a presença de Kropotkin teve um efeito que ultrapassou o movimento anarquista da época.

Outra razão para explicar o movimento que venho estudando se pode encontrar na decadência do bolchevismo como força intelectual na Inglaterra. Durante os primeiros anos da década 1930-40 a maioria dos escritores ingleses tendiam a ser bolchevistas ou simpatizantes. Essa tendência alcançou o ápice durante a guerra civil espanhola; porém, este fato marcou o

fim da influência bolchevista, porque os escritores ingleses que foram combater na Espanha puderam apreciar, de maneira direta, a mentalidade totalitária que sustentava a demagogia "revolucionária" dos bolchevistas.

George Orwell no livro "Homenagem a Catalunha" expôs as intrigas stalinianas atrás das linhas para conquistar o Poder.

Mas, poucos dos pertencentes à escola de escritores de 1930-40 ao deixarem o bolchevismo se tornaram anarquistas. Herbert Read foi o único escritor importante que aceitou então o Anarquismo. Em parte renovava, através dos acontecimentos espanhóis, uma tendência da juventude e era igualmente sua atitude um repúdio ao princípio autoritário, implícito no bolchevismo. Em 1938, Read publicou "Poesia e Anarquismo" dando expressão, nesse livro, a um ponto de vista já vigente nas tendências formais da geração poética que havia de ser característica nos anos de guerra.

Finalmente, a guerra e os últimos acontecimentos internacionais fizeram com que os escritores dessem maior importância a problemas que são preocupação especial do pensamento ácrata. A guerra colocou os escritores quer como objetores de consciência, quer como soldados, em estreito contacto com o Estado que antes não conheciam.

Eu próprio, na condição de objetor de consciência, me vi obrigado, no começo da guerra, a considerar diretamente o conflito entre o indivíduo e o Estado, que até então havia considerado de modo vago.

Os problemas do Poder, propostos pela guerra e pelas últimas revelações do autoritarismo, fizeram com que muitos escritores, não declaradamente anarquistas, examinassem essas questões em seus trabalhos. Novelas como "O Aeródromo" e "Homens de Pedra" de Rex Warner, "Granja de animais" e "1984" de Orwell mostram quanto a questão do Estado, apresentada abertamente pelos anarquistas, vai interessando a um grupo sempre mais amplo de escritores e leitores.

Esses fatos provam que a atitude anarquista ante problemas sociais contemporâneos vai sendo, positivamente, um fato significativo no clima mental da literatura inglesa.

N. R. Este é o primeiro artigo, apresentado aos leitores do Brasil, do novel escritor e poeta anarquista, George Woodcock, uma das figuras mais representativas da moderna literatura inglesa e do movimento anarquista mundial.

O EGOISTA

Por AMILCAR

Sim, leitor, sou egoista. Quando rabisco estas linhas é para satisfazer-me; escrevo porque me agrada, me dá satisfação. O meu egoísmo cresce, sobe, fica mais alto, quando eu mesmo, por minha vontade, resolvo fazer alguma coisa. Tu, leitor, lendo porque queres ler, irás até o fim, se quiseres; logo, satisfazes a tua vontade, o teu egoísmo; também és egoista. Bem! se nós dois somos egoistas, repara bem, como será boa a nossa vida, se tudo o que fizermos for para nosso benefício, por nossa vontade. Que transformação grandiosa de nós mesmos e nossas associações, se tudo o que fizermos for de nosso agrado e voluntário.

O egoista não se anula, não se deixa dominar, luta, resiste até vencer ou morrer. Se, em certas circunstâncias, é forçado a ceder algo do seu eu, da sua personalidade, da sua liberdade, o faz consciente, decidido a aumentar a sua força, para voltar à luta. Para o egoista, não há entidades superiores a si mesmo. Não se escraviza voluntariamente. Não rende homenagens. Não há seres, coisas ou entidades, de quem ele seja vassalo. E' livre de tudo e de todos. O egoista vive a sua vida, no seu mundo. Tudo é dele, tudo é para ele. Não engana a quem quer que seja. E' amigo dos seus amigos, pois isto lhe agrada; sente-se bem entre eles. Em tarefas de conjunto, só toma parte quando o seu Eu, a sua pessoa, o seu interesse, a sua liberdade de parar quando bem entender, estejam assegurados. O egoista dá muito apreço à reciprocidade: serviço por outro serviço, amizade por amizade, amor por amor. Quando dá, para nada receber, já se considera pago, pelo prazer que este ato de dar algo lhe proporcionou. Nossa vida só é possível ser bem vivida se satisfizermos inúmeras necessidades. E' verdade que quanto menos necessidades tivermos mais livres seremos. Mas, para que tenhamos as coisas indispensáveis, precisamos do esforço, do trabalho de muitos indivíduos que, por sua vez, precisam do nosso. Aqui está a lógica da reciprocidade.

Há homens e mulheres, mesmo sem serem doentes, que não dispõem nenhum esforço, não produzem nada útil; mas, não temos dúvidas, alguém trabalha por eles e para eles. São vadios, autênticos exploradores, só têm o meu desprezo. O indivíduo, para ser livre, para ser independente, precisa bastar-se a si mesmo, viver do seu próprio esforço. Assim, trabalhando pela sua inteligência ou pelos seus músculos, só ou associado a outros indivíduos, pode atingir os mais altos níveis do conforto, do bem estar e até do luxo. O egoista anarquista, para chegar a esse resultado, não atropela ninguém, mas também não se deixa prender por religiões, pátrias, partidos, governos ou família.

sultasse do seu esforço o próprio equilíbrio do mundo. A classe de homens de intelecto superior nem sempre dá a devida atenção aos que trabalham. Para assegurar o domínio de alguns, criou-se e tem-se mantido através dos tempos a injusta divisão de classes. É como se o mundo fosse uma enorme fazenda com meia dúzia de afortunados parentes do dono, outros tantos fetoires acomodados e uma infinidade de obreiros sem direito a qual-

quer parcela de conforto. Nega-se a este até o estudo, para que não tirem o lugar a outros que da ilustração se valem para dominar... Os que desprezam a grande massa anônima da humanidade, não se sentem capazes de admitir que essa humanidade possa compreender o seu próprio interesse e caminhar de olhos abertos na direção que lhe convém...

Pedidos à Caixa Postal 4.588, Rio Distrito Federal.

CONTRA A FARSA ELEITORAL

Por J. L. DA SILVA

Toda a cidade do Rio de Janeiro suportou um clima pré-eleitoral transbordante de estrondos e gritarias.

A cidade perdera sua fisionomia tranquila e aprazível para converter-se num imenso manicômio.

Alto-falantes estridentes, rodando pelas ruas ou no exterior de muitos edifícios, atordoavam e destroçavam, com audições a todo o volume, o sistema nervoso das pessoas equilibradas.

Pareceu-nos estarmos numa feira em que infinidade de vendedores rivais apregoavam, a toda voz, as excelências de suas mercadorias, tratando de impedir que se escutasse o pregão dos outros. Ou, melhor que uma feira, pareceu-nos um circo onde, no meio de luzes de todas as cores, apareciam painhos mascarados com suas caretas de riso e espanto; prestidigitadores com suas hábeis escamoteações; equilibristas com sua flexibilidade de ágeis virtuosos; o forçado, de tórax descomunal, levantando enormes pesos de papelão camuflados de metal; o diretor com sua cartola e fraque impecáveis que resumiam sua hierarquia, todos prontos para desempenhar a farsa trágica do dia...

Em num dilúvio de papéis impressos, cartazes, bandeiras, foguetes, desfiles e caravanas; entre as notas de um frenético baía ou do estribilho de um frevo, fez-se o acalorado elogio das qualidades artísticas dos comícios...

Um assombroso descalço do bom senso com incoerências verborrêas para que o público, aturdido e inconsciente, não resistisse ao espetáculo.

Um riso grotesco que terminará num drama comovedor:

O mais grave desta situação não foi o método ultrajante com que se procurou abiscotar os eleitores, mas as consequências funestas que se seguirão à farsa.

Ontem, tudo foram promessas de bem-estar; douradas esperanças de justiça social liberdade, paz e trabalho.

Desde o mais modesto, até o mais elevado candidato, asseguravam que não haveria mais miséria; que terminariam as filas para comprar, a preço de ouro, os artigos de primeira necessidade; que haveria carne barata, leite a um cruzeiro, pão e massas em abundância; que acabaria a inflação e os alugueis seriam baratos; que o vestido, o calçado, os transportes e as diversões estariam ao alcance de todos.

Hoje, porém, passadas as eleições, as coisas continuam piorando. O salário é mais insuficiente para atender às urgentes e peremptórias exigências da vida. O desequilíbrio entre o que se ganha e o que se gasta está crescendo. A miséria invade mais e mais as classes trabalhadoras e despojadas, e a tuberculose e a morte fazem os seus estragos no povo.

Entretanto, os candidatos, cumprida sua função de períficos logradores, desfrutam juntos e tranquilos os suculentos privilégios que os ingénuos lhes entregaram tontamente.

Os métodos políticos não solucionam os problemas sociais.

Não interessa discutir as boas ou más intenções dos políticos. O indiscutível é que um homem de boa fé, nobremente inspirado na felicidade de seus semelhantes, jamais poderá ser político. Logo se asfixia entre tantas ambições, egoísmos e imoralidades. Ou a abandona, ou degenera espiritualmente.

Cabe também assinalar que a evolução humana não é obra dos políticos, mas dos homens de ciência, sociólogos, escritores, artistas e demais lutadores dos diversos planos em que está dividida a sociedade atual.

Sem dúvida, há quem, todavia, creia que, com os métodos políticos, se pode dar solução aos problemas sociais.

Negamos explicitamente tal crença e vamos demonstrar por quê.

Sustentamos que a quase totalidade dos males que sofre a humanidade é consequência do sistema social atual. Sobre esta afirmação não cabem dúvidas. Quem analisa e estuda, séria e honestamente, estas questões tem idêntica opinião. Em consequência, se se quer encontrar remédio para tais males é imprescindível atacar as raízes do sistema; tratar de destruir suas pilstras fundamentais; o princípio de autoridade, representado e exercido pelo Estado, e a exploração de uns pe-

los outros, que gera os privilegiados que dispõem de ilimitadas vantagens na distribuição das riquezas.

Sem esses propósitos elementares não é possível falar de liberdade nem de justiça social.

Que partido político tem concretamente essas finalidades?

Nenhum! Todos a si as atribuem para especular demagógicamente com a credulidade popular; porém, praticamente, não podem destruir o que eles próprios tonificam e defendem.

A experiência confirma nossas palavras:

As mentalidades recalcitrantes, cegas à realidade e cerradas ao raciocínio, dizem que nossa crítica à política e a sua incapacidade para resolver os problemas sociais, se baseia em suposições e falsidades.

Vamos demonstrar que a experiência de vários séculos confirma nossas palavras.

Com efeito, em todos os países do mundo existiram e existem governos integrados por partidos políticos da direita, do centro e da esquerda. Onde e quais foram as realizações que significaram melhoramento efetivo para os povos? Quando se orientou a ação política a destruir os privilégios, as injustiças e as opressões?

Convidamos o leitor a percorrer, por sua conta, o panorama do mundo nos últimos cinquenta anos e comprovará que Inglaterra, Alemanha, França, Itá-

lia, Estados Unidos, Rússia, Espanha, China, Japão e muitos mais tiveram e têm governos totalitários ou democratas, reacionários ou liberais e socialistas, porém nunca, em nenhum deles deixaram de existir os privilegiados e os espoliados, os opressores e os oprimidos. Os povos viram sempre postergados seus anelos de felicidade.

Todavia essa falta de capacidade, unida ao empenho de manter uma ordem social completamente falida, produziu duas guerras em 25 anos e já está preparando a terceira, que, logicamente, será mais espantosa e cujo estopim e campos de experiência se acendem na Coreia.

Positivamente, seguir tendo esperanças nos métodos políticos é estar cego e insensível à realidade que nos rodeia.

Contra a farsa eleitoral, ontem, hoje e sempre — Abstenção Popular!

Após a exposição acima, deduz-se que um homem consciente não participa da burla eleitoral. É certo que, contudo, houve eleições e foram eleitos os candidatos e se formou o governo. Mas é certo também que o que se absteve não foi cúmplice na continuação da farsa política. Sua consciência tem a tranquilidade de não haver servido de instrumento aos parasitas que o condenam à desdita.

Na negação consciente do voto há um princípio de justiça e resistência moral contra a "ordem" estabelecida, e isso é o fermento revolucionário para ações de maior envergadura. É um passo pequeno, porém seguro e certo para a derrocada do sistema social presente que está inexoravelmente condenado ao aniquilamento final.

A JUDE O SENSO...

... disse o meu vizinho, possuidor, apenas, de alguns milhões no Banco, de poucos edificações de apartamento no Rio, e, bem provavelmente, de nem meia dúzia de fazendas, o coitado!, no interior...

Pois, é necessário que animemos a gente pobre a ter prole numerosa; isto, cumprindo, sem afrouxarmos, o nosso dever para com ela, por exemplo: lançando-lhe as iscas do abono de família, de 2 ou 3 quilos de mantimentos carcomidos, o dia do burro le raça, de uma distribuição de roupa velha para o Natal, etc. Desta maneira, poderemos mantê-la, perpetuamente, num ambiente de humilhações, predispondo-a para aceitar sua triste sorte, sem murmurar nem se rebelar.

Aliás, mercê de socorro da nossa santa religião, podemos, também com um novo sacrifício da nossa parte a favor dos sacerdotes — de todos os credos — oferecer aos trabalhadores, a mais do que já está exposto acima, a felicidade sem par, gratuita e eterna no Paraíso celeste, lá, em cima após a morte...

Ah! quão felizardos serão todos eles, os pobres, depois da morte!!! Além disso, devemos ter em mente

e em mira que o aumento constante da população, pela multiplicação, sem freio, dos nascimentos de crianças pobres, maltrapilhas, doentias e analfabetas, é imprescindível para a grandeza da nossa pátria estremecida (tremor na voz...), por vários motivos:

1º) fazer levar grande número delas ao cemitério, antes de tempo, por falta de leite ou agasalhos.

2º) fazer crescer o número de ignorantes, tão indispensáveis aos parasitas-vendedores de ópio papal, hui-guente ou maometano.

3º) fazer dos machos! escravos de fazendas, galés de fábricas, cães policiais ou defensores, patrioticamente fardados, de nossas burras.

4º) fazer das moças cozinheiras, ou limpadoras das sujeiras das nossas gráficas espósas; e, entre as mais lindas, bonecas para o aprendizado amoroso dos nossos queridos e dignos filhos...

Motivos, mais do que suficientes, acrescentou esse meu vizinho, de coração tão bondoso, para que todos nós ajudemos o Censo!

O AGENTE RECENSEADOR

QUANDO OS BURGUESES CONCORDAM CONOSCO

Por SILVÉRIO SOARES

— Preconceito racial —

O relator da lei que proíbe o preconceito racial, Sr. Afonso Arinos, chegou, em seu parecer, a admitir que não será possível aos pretos viver condicionadamente enquanto existir o atual desnível econômico, que é a maior barreira à aproximação das raças; foram felizes suas considerações sobre a triste situação a que foram jogados os escravos com a "salvadora" Lei Aurea, lei que somente tirou aos pretos o pouco que lhes cabia, como gado humano, no repasto dos senhores, sem lhes dar em troca, pelo menos, a garantia de que não seriam submetidos, por seus ex-donos, às humilhantes penas que até então se sujeitaram. Todos sabemos, hoje, que o decreto da "magnânima" Princesa Isabel não passou de um "conto do vigário" muito bem passado aos negros. A estes o que adiantou serem soítos do tronco em que eram vergastados, se, economicamente, estavam de tal modo "despidos" que teriam, forçosamente, para subsistirem de recorrer às "graças" dos que, nas novas circunstâncias, seriam os seus patrões? Houve uma ligeira mudança de nomes. Realmente, os oprimidos deixaram de ser escravos para serem "serventes" ou "empregados" e os opressores, em vez de

se chamarem donos, passaram a ser "patrões".

Fórmula salvadora, a dos legisladores: nunca aborrecem os senhores, mas quanto "bluff" pregam os lacaios...

Só a compreensão do povo conseguiu elevar os pretos ao degrau que lhes pertence junto aos brancos. Mas, apenas no seio do povo, há essa liberdade, pois a aristocracia desconhece ter sido abolida a escravidão... Continuam os "libertados" a constituir a população inteira das favelas a morar em "cabeças-de-porco", permanecendo, enfim, em crescente degradação, a que o analfabetismo e a miséria, não vistos pelo Estado, os submete. Para resolver seus problemas, os negros organizam grêmios, isolam-se, e procuram apoiar, na medida do possível, a subida a altos cargos de algum companheiro de cor; entretanto, se existem homens que conseguem, apesar de sua "condição racial", conquistar conforto burguês, não são esses, por certo, que irão tirar seus antigos colegas do infortúnio das favelas e trazê-los às escolas, dar-lhes pão e mostrar-lhes o que é viver como homem. Como o proletário que ascende ao poder e deixa de ser proletário para ser "chefe", o preto que consegue subir, raciocinando da mesma maneira, acha que "os outros não têm valor para atingirem

FIGURAS DO ANARQUISMO



VOLINE

Vsevolod Mikhailovitch Eichenbom — mais conhecido por Voline — nasceu em Voronez, Rússia, aos 11 de agosto de 1882. Seu pai e sua mãe eram médicos e gozavam de posição desafogada. O célebre poeta e matemático Eichenbom, seu avô e Boris Eichenbom, grande crítico literário russo, seu único irmão. Voline graduou-se no Instituto de Voronez, ingressando mais tarde na Universidade de S. Petersburgo. Seus estudos foram brilhantes; porém, à medida que ia dominando os problemas jurídicos, sentia menos agrado da profissão que escolhera, considerando-a um meio mui deficiente para mitigar o sofrimento do povo russo. Assim, pois, quando era quase advogado, abandonou os estudos e ingres-

sou no Partido Socialista-Revolucionário.

Tomou parte ativa no movimento revolucionário de 1905. Foi um dos organizadores e membro do primeiro Conselho de operários e camponeses. No mesmo ano, estando à frente da rebelião de Kronstadt, foi detido e condenado a internamento na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo.

Graças à influência de sua família, a pena foi comutada para desterro perpétuo nas longínquas e insólitadas regiões da Sibéria; porém, logrou evadir-se para a França, depois de mil peripécias. Neste país, devido, sem dúvida, a um balanço de suas experiências, um contraste de leitura e luta interior intensa, chegou à conclusão de que o Estado, dirigido por quem quer que seja, jamais proporcionará liberdade e bem-estar ao povo. Declarou-se, portanto, anarquista.

Ao estalar a primeira guerra mundial, foi expulso da França. Com enorme dificuldade, logrou entrar na América do Norte, onde atuou com os anarco-sindicalistas russos.

Em 1917, quando estalou a revolução russa, regressou a seu país. Imediatamente, junto com outros companheiros, organizou a União de Propaganda Anarco-Sindicalista. Durante essa etapa, desenvolveu atividade extraordinária. Dirigiu o diário "Voz do Trabalho" (Goloss Truda), tomando parte ativa na revolução.

Ao concretizar-se o tratado de Brest-Litovsk mostrou-se contrário ao mesmo. O movimento anarquista protestou contra tal posição e fez um enérgico apelo ao povo para que lutasse contra a invasão austroalemã da Ucrânia, Rússia Branca, etc. Quando Voline terminou de redatar o manifesto, demitiu-se do cargo de diretor do jornal dizendo: "Quando chamo a multidão ao

combate, eu devo marchar com ela". E saiu para a frente.

Vários meses depois de sua partida regressou para organizar a Confederação Ucraina do "Nabat", dedicando-se novamente à propaganda. Durante esse período, teve grande força na Ucrânia a contrarrevolução, e o exército dos camponeses capitaneados pelo anarquista Makhno, lutou desesperadamente contra a reação. Logo se identificou Voline com o movimento makhnovista. Ingressou no mesmo e fez quanto pôde por instruir os camponeses sobre muitos problemas, educando-os e fazendo-os dignos do ideal que representavam.

Foi combatente ativo contra Denikin. Uma vez exterminadas as forças contrarrevolucionárias, tenção das individualidades mais os bolchevistas procederam à detativas do movimento de Makhno, uma das quais foi Voline. Mais tarde, graças à pressão dos anarquistas, foi posto em liberdade e posteriormente expulso da Rússia.

Após sua expulsão, fixou residência em Berlim, para em seguida obter permissão para entrar em França.

Ao começar a 2.ª guerra mundial achava-se em Marselha. Negou-se terminantemente a imiscuir-se em guerras capitalistas.

Ao estalar a guerra civil espanhola, Voline se pôs imediatamente ao lado do povo em armas. O Movimento Libertário e a C. N. T. o convidaram para a direção de um jornal que se publicaria em Paris. Estava, a essa época, Voline bem colocado, mas tudo abandonou para tomar a direção do periódico.

Finalmente, morreu Voline aos 18 de setembro de 1945, vítima de tuberculose pulmonar, perdendo, assim, o movimento ácrata um de seus mais puros e entusiastas idealistas.

AS ORGANIZAÇÕES ANARQUISTAS NA REVOLUÇÃO RUSSA

Por VOLINE

A participação dos anarquistas na revolução russa não se limitou apenas aos combates. Esforçaram-se a fim de propagar no seio das massas laboriosas suas idéias sobre a construção imediata e progressiva de uma sociedade não-autoritária. Para cumprir a tarefa, criaram organizações libertárias, expuseram em detalhe seus princípios, pondo-os em prática sempre que possível — publicaram e difundiram seus jornais e literatura.

Citamos algumas organizações anarquistas entre as mais ativas:

1º) A União de Propaganda Anarco-sindicalista "Goloss Truda". Tinha por fim difundir, entre as massas operárias, as idéias anarco-sindicalistas. Seu jornal Goloss Truda (A voz do Trabalho), saiu primeiramente hebdomadário e mais tarde diário. Possuía uma editora. Em 1919, o governo "comunista" liquidou definitivamente a organização e, mais tarde, a editora. Seus aderentes foram exilados.

2º) A Federação dos Grupos Anarquistas de Moscou. Foi, relativamente, uma grande organização, que, de 1917 a 1918, fez intensa propaganda em Moscou. Possuía um jornal quotidiano — A Anarquia — e uma editora libertária. Essa organização foi suprimida pelo governo soviético por volta de 1921.

3º) A Confederação das Organizações Anarquistas da Ucrânia — "Nabat". Essa importante organização foi criada em 1918 na Ucrânia, onde,

nessa época, os bolchevistas não tinham imposto a ditadura. Distinguiu-se, sobretudo, por uma atividade positiva, concreta. Proclamou a necessidade de uma luta imediata e direta pelas formas libertárias de edificação social e se esforçou com o objetivo de elaborar os elementos práticos. Teve enorme importância pela sua agitação e propaganda extremamente enérgica e contribuiu para a difusão das idéias libertárias na Ucrânia. Publicou, em diferentes cidades, jornais e brochuras. Seu principal jornal foi o "Nabat". Tentou criar um movimento anarquista unificado, reunindo todas as forças ativas do Anarquismo na Rússia numa organização geral. A Nabat tomou parte ativa nas lutas contra todas as forças de reação; contra Petliura, Denikin, Gregorieff, Wrangel e outros. Perdeu, nessas lutas armadas, quase todos os seus melhores militantes. Sua liquidação definitiva pelas autoridades bolchevistas se verificou em 1920, quando muitos de seus militantes foram fuzilados sumariamente.

A parte dessas três organizações de grande envergadura, existiam outras de menos importância e, mau grado qualquer divergência de princípios ou de tática, todos esses movimentos estavam de acordo no fundamental das idéias. Cada um segundo suas forças e suas possibilidades, semearam nas massas operárias os germens de uma organização social verdadeiramente nova: anti-autoritária e federalista.

Todas tiveram finalmente a mesma sorte: supressão brutal pela autoridade soviética.

AS CONFISSÕES DE RUDOLF ROCKER

Lemos avidamente o segundo volume das Confissões de Rudolf Rocker, recentemente editado pela "Americalee" de Buenos Aires, sob o título "En la Borrasca". Juntamente com o primeiro ("Juventud de um Rebelde"), forma um depoimento impressionante das lutas sociais e do movimento libertário no agitado período que compreende o último lustro do século dezenove e o princípio do nosso, além de um despretencioso relato do que foi a sua vida de militante, em que, sobre os obstáculos antepostos pela reação das minorias privilegiadas, soube manter acesa a tocha da liberdade, mercê de uma abnegação e um valor que, aliados à sua poderosa cultura e ao seu humanismo profundo, justamente lhe conferem um lugar junto a Kropotkine

e Malatesta, entre os maiores vultos do Socialismo Libertário.

No seu estilo de encantadora simplicidade, que nos transplanta a concisa tradução de D. A. de Santillán, desfilam ante o leitor fatos, pessoas e cousas que deixam impressão quase visual, em que amiúde até mesmo o calor humano de suas amizades se nos transmite. A infância em Mogúncia; suas primeiras experiências como revolucionário social-democrata e, depois, para sempre, anarquista; suas viagens; sua formação mental; suas impressões dos grandes acontecimentos da época; — a França do Processo dos Trinta e das bombas de Ravachol; o Sweating-system e a agitação Londrina; seus anos de internamento, em que fez dos campos de concentração verdadeiras uni-

versidades; a Revolução Russa. E mais, sua participação no movimento dos anarquistas judeus e nas greves contra o Sweating-system; suas impressões de Luisa Michel, Pedro Gori, Kropotkine, Malatesta e outras grandes figuras do Anarquismo Revolucionário e Constitutivo, são ali trazidos à luz.

Para todo aquele a que interessa o estudo do socialismo e das lutas sociais; para todo aquele a que a leitura é mais que um deleite, — af está um precioso documento de estudo; pois não ajusta o autor a seqüência e importância dos fatos a determinados juízos preconcebidos. É um relato fluente e desapassionado do autor de "Nacionalismo e Cultura". DANIEL

Adquiríveis com Francisco Laisue: Rua do Rosário, 141, sobrado. Preço do 1.º volume (Juventud de um Rebelde): 112,00; do 2.º (En la Borrasca), Cr\$ 125,00.